

Desinformação em saúde, políticas públicas e divulgação científica: caminhos necessários

Disinformation in health, public policies and scientific dissemination: necessary paths

Marina Ramalho e Silva

[ORCID: 0000-0002-2162-6673](https://orcid.org/0000-0002-2162-6673)

Resumo

Nessa fala, abordo alguns aprendizados deixados pela pandemia de Covid-19 e a necessidade de políticas públicas para enfrentar a desinformação, como o fomento a pesquisas na área e o incentivo a programas de letramento digital em escolas. Discorro sobre a importância de se conhecer melhor as estratégias de combate à desinformação, como checagem de fatos e formatos mais eficientes para desmentir informações falsas. Ressalto a relevância de os cientistas e divulgadores abordarem a ciência não apenas como um produto, mas como um processo, já que conceitos como pre-prints e ensaios clínicos não são triviais à população, além de discutirem incertezas e controvérsias inerentes à ciência. Por fim, falo da necessidade de se entender o público a quem se dirige e de se desenvolver empatia pelos interlocutores.

Palavras-chave: Desinformação. Pesquisa. Políticas Públicas.

Abstract

Abstract. In this talk, I discuss some lessons learned from the COVID-19 pandemic and the need for public policies to combat misinformation, such as promoting research in this area and encouraging digital literacy programs in schools. I discuss the importance of better understanding strategies to combat misinformation, such as fact-checking and more efficient formats to debunk false information. I emphasize the importance of scientists and communicators approaching science not only as a product, but as a process, since concepts such as pre-prints and clinical trials are not trivial to the population, in addition to discussing uncertainties and controversies inherent to science. Finally, I discuss the need to understand the target audience and develop empathy for the interlocutors.

Keywords: Disinformation. Research. Public Policy.

Boa tarde, pessoal. Gostaria de começar agradecendo muito a oportunidade de estar aqui, de dividir esse espaço com os colegas e de conhecer o trabalho de muita gente interessante que eu ainda não conhecia. Está sendo uma experiência muito enriquecedora.

Quando eu estava pensando sobre o que falar nesse espaço, fiquei muito focada na pergunta que abre a ementa desta mesa: “Como pensar os próximos passos a partir daqui?”. Então, vou lançar algumas ideias – umas delas tem relação com políticas públicas; outras, nem tanto. A proposta é destacar alguns pensamentos, para alimentar o debate ao final.

Eu acredito que, apesar de toda a tragédia causada pela pandemia de Covid-19, é possível dizer que tivemos alguns aprendizados ao longo desse evento desastroso. Tais aprendizados se apresentam tanto a nível individual – quando nós, como indivíduos, tivemos que lutar no dia a dia para enfrentar uma crise sanitária –, quanto a nível coletivo – quando nós, enquanto segmentos sociais ou reunidos em grupos de interesse, precisamos tomar decisões que não afetavam somente a nós mesmos. E houve ainda aprendizados no nível institucional: dos governos, dos institutos de pesquisa, das organizações e assim por diante.

O primeiro aspecto que me vem à cabeça é que não podemos abordar a pandemia sem falarmos sobre desinformação. Embora o nosso encontro tenha uma mesa-redonda inteiramente dedicada a esse tema, é preciso abordá-lo também aqui, inclusive porque não vejo formas de viabilizar esse enfrentamento sem o auxílio de políticas públicas.

Não há uma receita pronta e infalível para lidar com a desinformação. Mas muitos estudos estão sendo realizados para testar diferentes técnicas para combatê-la. Algumas perguntas de pesquisa são: Será que as estratégias de checagem de fatos são eficientes em qualquer situação? Será que é melhor realizar ações de pre-bunking ou de debunking? Quais são os melhores formatos para desmentir informações falsas? Quais as plataformas pelas quais elas mais circulam? Que tipos de emoções despertam e como é possível lidar com tais emoções? Há grupos sociais mais vulneráveis à desinformação?

De forma recorrente, pesquisadores destacam que a desinformação é um fenômeno bastante complexo que precisa ser abordado por diferentes ângulos e reunir esforços em diversos níveis: nas esferas executiva, legislativa e judiciária, nos partidos políticos, nas empresas de Big Tech, nas plataformas de redes sociais, nos veículos de comunicação e na sociedade civil organizada. Assim, não há receita de bolo.

A nível de políticas públicas, um dos pontos a ser observado é a necessidade de financiamento público, por meio de editais de fomento, a pesquisas que contemplem distintos ângulos do fenômeno da desinformação, como mencionado acima. Sem abordagens interdisciplinares e complementares, jamais nos aproximaremos da complexidade do fenômeno.

Outra recomendação que eu venho lendo em diversos artigos sobre como enfrentar a situação, é o oferecimento de uma educação midiática à população, um letramento midiático. Não se trata de nenhuma novidade, certamente todos já devem ter ouvido falar sobre isso de alguma forma. Por exemplo, sobre como é necessário haver um tipo de treinamento nas escolas para que os alunos e os jovens possam começar a identificar indícios de notícias falsas e tentarem ter uma leitura crítica de toda e qualquer informação, não só informação de ciência, tecnologia e saúde, mas qualquer informação. Para isso, é importante ficar atento às fontes que estão sendo citadas e se existem indícios de conflitos de interesse, se há alguma intenção por trás da informação e por que razão ela está circulando naquele determinado espaço.

Trata-se de um trabalho de médio a longo prazo e eu vejo que várias escolas particulares já estão tentando colocar isso em prática. Ao buscar colégios para os meus filhos, vi que já há escolas particulares com essa preocupação, com esse tipo de conteúdo na grade e que se orgulham de oferecer esse diferencial. Mas como isso pode ser desenvolvido também nas escolas públicas? É preciso haver uma política pública nesse sentido para evitar o acentuamento da desigualdade social também no que diz respeito ao acesso à informação de qualidade. Como as escolas públicas vão poder empreender um esforço dessa magnitude sem treinamento prévio dos professores ou sem equipamento adequado? Essa é uma das ideias que eu queria lançar aqui como aprendizado e como uma estratégia que, a meu ver, não tem como se concretizar sem políticas públicas que a viabilizem.

Outro aprendizado que a pandemia deixou evidente é a importância da divulgação científica em momentos de crise, mas não somente nesses momentos. E esse é um aprendizado não só a nível individual, para os cientistas, mas também a nível institucional: as instituições de pesquisa brasileiras perceberam (pelo menos deveriam ter percebido) o quanto é importante investir em ações de comunicação nas mais diversas frentes.

A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), por exemplo, foi uma instituição que ficou muito em evidência na pandemia, mesmo antes do desenvolvimento da vacina, e que colocou em prática várias iniciativas de comunicação em diferentes frentes. Isso foi feito porque a instituição compreendeu que não existe uma linha única de ação que consiga contemplar os principais problemas identificados. Esse foi um aprendizado que certamente marcou a Fiocruz, que já realizava muitas atividades de divulgação científica antes disso, como o trabalho desenvolvido no Museu da Vida, que é o braço principal de divulgação científica da instituição. Mas houve vários aprendizados de comunicação institucional também, de mostrar à sociedade o que as organizações estavam fazendo e se apresentar como uma fonte de informação importante, autorizada e de credibilidade.

Nesse contexto, é importante lembrar que o Brasil contava, nesse momento, com um governo federal que minimizava os efeitos da pandemia e que fornecia informações e recomendações que não condiziam com as dos órgãos de saúde internacionais nem com as de institutos de pesquisa nacionais.

No que diz respeito a iniciativas mais individualizadas de divulgadores científicos, foi possível observar que, embora já existisse toda uma comunidade de divulgadores que já trabalhava nesse sentido, vários outros cientistas saíram da sua zona de conforto e buscaram falar nos diferentes meios de comunicação, dar entrevistas, ou criar seus próprios blogs, perfis no Instagram e no Twitter, para tentar enfrentar a falta de informações claras.

Eu atuo tanto no programa de Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz, quanto na Especialização em Divulgação e Popularização da Ciência, da mesma instituição. E um aspecto muito relevante que eu queria ressaltar aqui, e que também é muito sintomático desse aprendizado, é perceber que a procura por qualificação na área de divulgação científica aumentou muito – tanto no mestrado quanto na especialização. A especialização, por exemplo, recebia uma média de 25 inscritos para 15 vagas, entre os anos de 2009 e 2020. No entanto, para a turma de 2021, o programa teve 111 inscrições! Mesmo que nos anos seguintes essa média não tenha se mantido, o número de inscritos continuou elevado, com 60, 75 candidatos. E vale lembrar que a especialização não concede bolsa de estudos. Em geral, é um programa que as pessoas cursam paralelamente com o trabalho profissional e que, para concursados por exemplo, não representa um aumento de salário como no caso de um mestrado ou doutorado.

Esse aumento expressivo no número de candidatos ao curso, a meu ver, é muito ilustrativo de que os divulgadores científicos estão procurando se aperfeiçoar, capacitar-se. É bastante comum – e muito bem-vindo – que um cientista se disponha a fazer alguma ação de divulgação científica sem ter previamente qualquer treinamento em comunicação. No entanto, é importante que esses mesmos cientistas percebam que a divulgação científica também envolve reflexões teóricas relevantes para embasar e aperfeiçoar a prática. Existe todo um arcabouço teórico por trás das iniciativas e uma retroalimentação do processo: ou seja, a teoria alimenta a prática e a prática alimenta a teoria.

Um próximo aprendizado que posso apontar é algo que nós observamos em diversos estudos feitos no Núcleo de Estudos da Divulgação Científica, que é o meu setor de trabalho e estudos no Museu. Nossa equipe já realizou diversos estudos sobre como é a cobertura de ciência em diferentes meios de comunicação, como jornais e diferentes tipos de programas de TV. Em todas as pesquisas desse tipo feitas antes da pandemia, nós identificávamos que a cobertura de

ciência nessas mídias era basicamente focada nas novas descobertas, nos novos tratamentos, nas novas tecnologias da ciência. Ou seja, a ciência era retratada como resultado, como produto, como verdade absoluta e como algo concreto.

Durante a pandemia, no entanto, em parte devido ao enorme espaço que temas de ciência e saúde adquiriram nos meios de comunicação, os jornalistas e comunicadores de ciência aproveitaram essa oportunidade para falar sobre como a ciência é produzida, para abordar a ciência enquanto processo, não só a ciência enquanto produto. Matérias passaram a explicar o que é pre-print, como são feitas as avaliações em periódicos científicos, como é realizado um ensaio clínico, como medicamentos precisam passar por toda uma série de testes, protocolos e métodos para poderem chegar até o mercado, entre outros temas.

Então, é importante falar sobre isso: nós tivemos essa oportunidade, mas precisamos observar se a ciência vai continuar tendo esse espaço de destaque nas coberturas. Gostaria de ressaltar também que é relevante continuar a abordar, sempre que possível, esse tipo de conteúdo nas matérias e iniciativas de divulgação científica, assim como também é necessário falar sobre incertezas e controvérsias da ciência. Porque se a população estiver familiarizada com esse tipo de abordagem e de cobertura da ciência, ela terá o consenso científico é construído a partir do confronto de diferentes visões, de embate de ideias – isso faz parte do processo de se fazer ciência. Além disso, a ciência é feita por humanos e, assim, também está sujeita a conflitos de interesse.

É preciso tocar nesse assunto com responsabilidade, obviamente. Mas eu acredito que, se a sociedade estivesse mais familiarizada com o modus operandi da ciência, talvez não houvesse tanta confusão e mal-entendidos quando se fala, por exemplo, sobre os efeitos adversos de uma vacina, ou mesmo das controvérsias que fazem parte da ciência.

Uma outra questão que eu gostaria de deixar aqui para o debate, pois eu sempre bato nessa tecla, é a importância de conhecermos o público com quem estamos dialogando. Na pandemia esse aspecto ficou bem acentuado nas discussões. O divulgador científico precisa buscar entender minimamente o público com quem ele está falando e desenvolver empatia com seus interlocutores. Não existe um formato único de comunicação que sirva a todos os públicos.

Na mesa sobre Meio Ambiente e Emergências Climáticas desse evento, muito foi discutido sobre o que seria mais eficiente: gerarmos pânico na população ou gerarmos um sentimento de colaboração em relação às mudanças climáticas. O que engaja mais e o que engaja menos? Mais uma vez eu não tenho uma resposta pronta para isso, mas entendo que a estratégia de gerar pânico pode funcionar para alguma parcela do público e não funcionar para outras parcelas da população. Então, para esses outros grupos, talvez seja melhor abordar o tema de uma outra forma, tentando entender quais são as dúvidas, receios e valores daquele grupo em específico.

Repito: é preciso tentar entender o público com quem estamos falando para buscarmos desenvolver uma comunicação em que aquele público se sinta reconhecido e valorizado, e não desqualificado. Por exemplo, para uma mãe que ainda tem dúvidas e receios sobre a vacina da Covid e que acha que o imunizante foi desenvolvido de forma rápida demais para ser seguro, não funcionará chamá-la de antivax ou afirmar que o filho dela vai morrer. Nós temos mais chances de sermos efetivos se tentarmos entender o que está por trás daquele receio e daquela atitude.

Parece uma afirmação óbvia dizer que é preciso lembrar com quem se está falando. Mas é muito comum, por exemplo, os alunos do mestrado ou da especialização chegarem ao curso falando que querem desenvolver uma pesquisa ou um produto de divulgação científica para o “público em geral”. Nesses casos, eu costumo dizer a eles: pensem num público específico com o qual vocês desejam falar, algum grupo que vocês achem importante mas sub-representado, e foquem nesse público para tentar desenvolver estratégias específicas! E corram atrás: conheçam esse público, conversem com ele e tentem identificar como vocês podem se aproximar dele.

Por exemplo, não adianta um divulgador científico falar para moradores de territórios de favela que é preciso lavar a mão com água e sabão o dia inteiro, se aquela pessoa não tem acesso à água encanada. Não adianta falar para pessoas que estão em situações de vulnerabilidade socioeconômica que, se alguém da família dela pegar Covid, ela terá que ficar isolada no quarto durante 14 dias, pois talvez essas pessoas morem com outras 10 pessoas num mesmo cômodo. Então, é preciso entender minimamente a realidade do seu interlocutor para que as informações sejam relevantes para as pessoas com quem você está falando.

Nessa linha, lá no Museu da Vida, nós fizemos uma pesquisa para tentar entender como os coletivos de favela estavam comunicando sobre Covid-19 no seu próprio território. Como desdobramento dessa pesquisa, estamos buscando realizar oficinas regulares com comunicadores populares, de modo que possa haver uma troca de informações sobre as diferentes práticas de comunicação.

Eu sou formada em jornalismo, já trabalhei bastante com jornalismo científico, então penso: o que eu tenho para contribuir com esses comunicadores? Por outro lado, esses comunicadores têm uma realidade muito diferente da minha e são eles que saberão dizer melhor como atingir determinados grupos com realidades similares. Eles saberão identificar, por exemplo, quais são as principais pautas de interesse e qual linguagem usar. Nós precisamos envolver parceiros para podermos dar conta de um público que nós ainda não conhecemos ou que não se identifica com a gente. Então, nessa iniciativa, a ideia não é ensinarmos a eles sobre divulgação científica, mas aprendermos mutuamente, pois eles têm muito a nos ensinar.

Eu fico por aqui. Espero ter lançado ideias relevantes para conversarmos. Obrigada!

Sobre os autores

Marina Ramalho e Silva

Coordenadora do mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde
(Casa de Oswaldo Cruz / Fiocruz)

Pesquisadora do Núcleo de Estudos da Divulgação Científica
(Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz /Fiocruz)

e-mail: marina.ramalho@gmail.com